

revista

Gente

de

PALAVRA

n^o 4

G

P
E
I



O
S
A

Adélia Eisenfeldt Alphonse de Guimaraens Ana Beise Benette Bacellar Conceição
Hyppolito Júlio Alves Júlio Urrutiaga Almada Lérís Seitenfus Lota Moncada Michelle Hernandez
Neli Germano Renato de Mattos Motta Scyla Bertoja Silvana F. Pereira Zaira Cantarelli

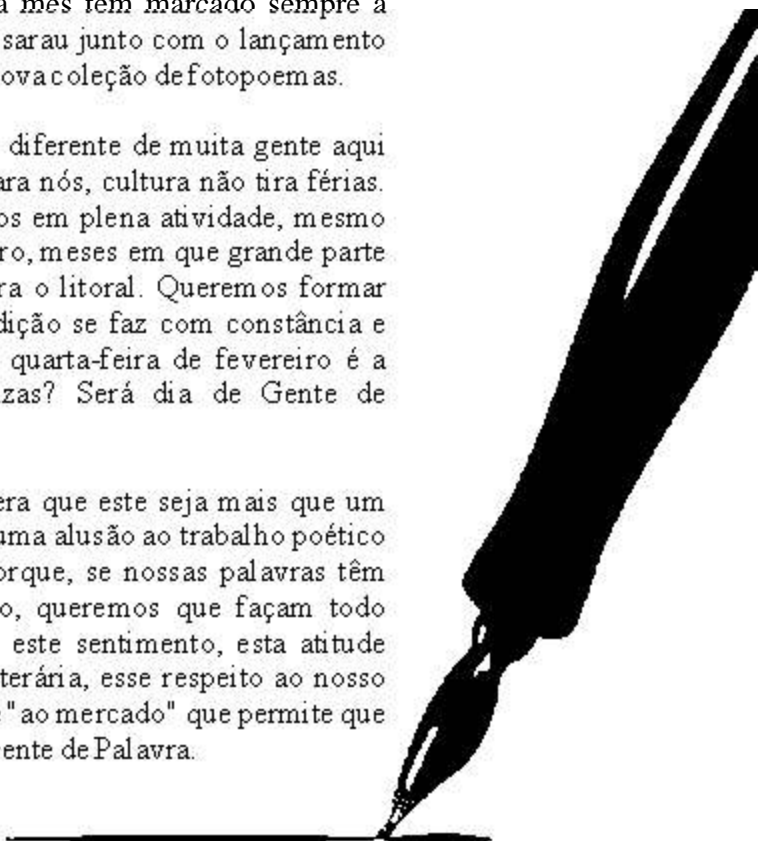
Gente de PALAVRA

Começamos um novo ano com mais uma edição da revista Gente de Palavra. Por mais limitações que possamos ter (e não são poucas), é uma tremenda vitória no Brasil uma revista mensal de literatura chegar ao quarto número pontualmente. A segunda quarta-feira de cada mês tem marcado sempre a realização de nosso sarau junto com o lançamento da revista e de uma nova coleção de fotopoemas.

Temos uma opinião diferente de muita gente aqui em Porto Alegre; para nós, cultura não tira férias. Por isso continuamos em plena atividade, mesmo em janeiro e fevereiro, meses em que grande parte da cidade migra para o litoral. Queremos formar uma tradição, e tradição se faz com constância e firmeza: a segunda quarta-feira de fevereiro é a quarta-feira de cinzas? Será dia de Gente de Palavra!

Afinal, a gente espera que este seja mais que um nome, mais do que uma alusão ao trabalho poético com as palavras, porque, se nossas palavras têm mais de um sentido, queremos que façam todo sentido. Para nós é este sentimento, esta atitude frente à produção literária, esse respeito ao nosso público antes do que "ao mercado" que permite que nos denominemos Gente de Palavra.

RMM



Delírio

Pelas ruas
da minha cidade,
falo meus poemas
em voz baixa
as pessoas passam
observam,
curiosas
o que pensam
pouco importa
deliro poesia.

Adélia Einsfeldt





Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava longe do céu...
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar. . .
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Rufaram de par em par...
Sua alma, subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Alphonsus de Guimaraens

emboscada

escorre veneno
da tua boca
detalhe pequeno
que não me detém
pressinto emboscada
armadilha da paixão
não resisto
atiro-me suicida
sem rede de proteção

I
Benette Bacellar

Poesia Bipolar

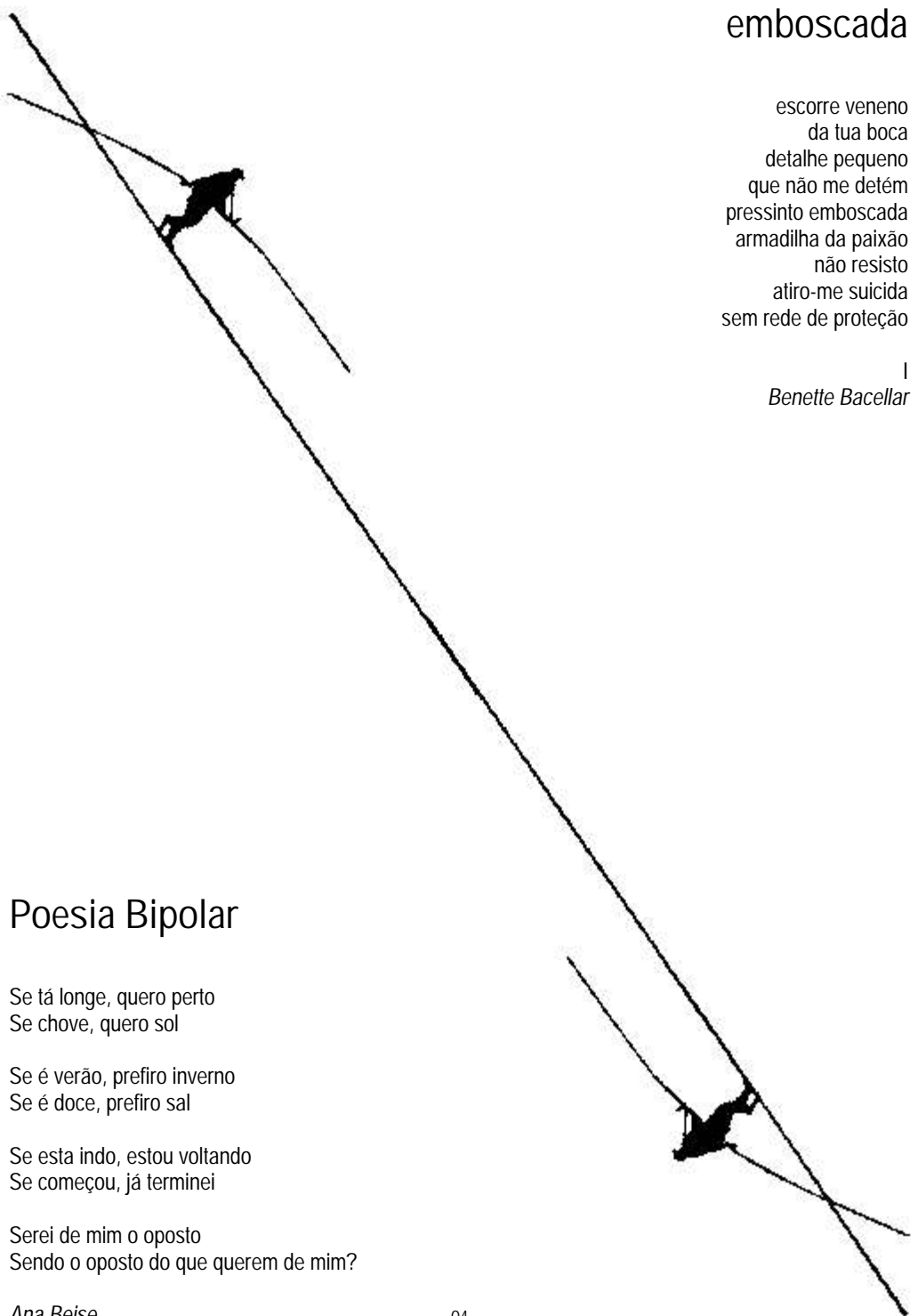
Se tá longe, quero perto
Se chove, quero sol

Se é verão, prefiro inverno
Se é doce, prefiro sal

Se esta indo, estou voltando
Se começou, já terminei

Serei de mim o oposto
Sendo o oposto do que querem de mim?

Ana Beise



Vácuo

em pétalas
desfaço-me

avesso
sentindo o beijo do vento
- exala vanilla
a inundar o papel
em branco

com sabor
de mil folhas
a poesia vacila

quebrando o vazio
a marcha perdida
no sopro do tempo
- labirintos da vida

Cláudia Gonçalves



Tempo

Anoite pesa
preso pende
o pendulo do relógio
que nunca marca
a hora certa...

O tempo esvai-se
em ventos
e noites
insanas
insones
sem lua
sem trevas
com a luz tênue
de um abajur
alerta.



poesia é onde
fortes choram
fracos riem
ironias dançam rimadas
sorrisos saem soltos
sem sonetos
soluçando
dizem:
— vou a vida!
abusado
desafio
o
fio curto
ofício vida
pôr ordem
nos bibelôs
no barco no meio
do mar
em meio a tempestade

Julio Alves

A Morte

Quando o não-ser
Dos dias
Cala a perna.

E o coração:
Roda-desesperada
Nos trava a boca.

E a língua:
seca.

E a mão com pressa:
A vida transborda,
Dirás dos meus olhos
Vermelhos e falhos
Ter visto um suor pálido
Antes e depois
Da última dose
De querer-te
E sentir só:
O trago.

É nessas noites-tardes
Que a saudade
Me beija montando
os dentes
e tem o cheiro
de um sangue doce
e te perco à primeira vista
e o nosso amor nos cria
como órfãos.

Julio Urrutiaga Almada



Solidão de um Ébrio

Solidão de um ébrio

Tarde fria calada! Chuva fina banha a janela
a vida perdeu-se no vazio sem ter como sair
onde está a essência do amor que vivi por ela
fugiu com uma dama louca que por ai perseguiu

Sinto meu coração machucado, solitário ardente
com uma música estranha de instrumentos bêbados
no espelho, meu olhar ébrio: faces incandescentes,
na casa todos se foram e eu ali parado, cansado, amargurado...

Só a melodia no quarto, no espelho, nos desejos
nos meus cabelos despenteados, no meu corpo maltrapilho
meu rosto marcado e triste, meu olhar foge pela janela.

A melodia engasgada vem encher o quarto morto pelo amor
estou no ventre da solidão a brincar com os meus medos
ouço o meu coração ardente e solitário já sem esperanças,
a noite chega calada misteriosa
e com ela mais uma garrafa mais uma dama vazia...
usar seu poder e magia
nas duras empreitadas
com que nos presenteia a vida.

Léris Seitenfus



Minha Primavera

Sem mais, nem bater a porta,
com sua natural irreverência,
o vento me invade, me abraça,
multiplica os sons, arrepia a calma
depositada imóvel há tanto tempo
na espalmada mão.

Ah, as sensações que o vento traz!

Eriça a pele, desarruma a alma,
- cristal desatinado sempre a tilintar -
evoca desejos, coreografa amores
e essa gota lúdica, teimosa,
deslizando pelas costas me alerta,
me acorda, me singra, me atordoa
com sua sensual constância me obriga
a sentir, a sentir – e mais e mais -
a cristalina, a definitiva certeza

minha primavera germina outra vez.



Poema Alado

Achas-me bela
Porque me vês alada
Alei-me às asas do vento
Que encapela rios e mares
Mantendo a exuberância de sua margem
Amas-me porque voo livre
Entre mim, o céu e o inferno
(E o limite entre ambos)

Achas-me bela
(É o que dizes)
Infla asas ao meu lado
Para que nos sustentemos
Amantes belos e livres
Atraia-me com enlevo
Com zelo
E sempre serei bela

Neli Germano

Deixa

Deixa aí a ofensa que recebeste
E não quiseste devolver
Deixa a mágoa escondida
E não revida o mal feito
Deixa
Crescerá como erva daninha
Tua falsidade
Mas teu orgulho ficará imaculado
Conquanto não tenhas inimizades
Colherás de cada um
Aquilo que for conveniente
No momento
Enquanto isso
A podridão
Por detrás desta mansidão
Te lançará ao inferno
De ser sempre
O que não és
E deixar de SER
O que quer que seja
Tem uma alta taxa
No fim das contas

Michelle Hernandes



Suíte nº 1 - Prelúdio XY

Vem!
arranca do meu peito
as notas solitárias
do cello que me habita
e preenche meus dias
com a sinfonia de tuas palavras.

Scyla Bertoja



O barulho dos trilhos do trem
atravessando madrugadas
de minha infância
contornava ausências
inspirava fuga

... e eu plantava
esperança e bem me quer
dentro de mim !

Zaira Cantarelli

Caminho

Ela parecia abatida
Sozinha (como sempre)
Voltava para casa
Não sei de onde

No caminho
Escolas de samba
Apresentavam seus porta-bandeiras
Parou para olhar

Sua máquina sem bateria
Não registrou nenhuma imagem
Mas sua retina gravou tudo
Sua memória captou os sorrisos

Voltou a caminhar
Parecia mais longe que de costume
Os bares cheios
Por conta do calor

30° C marcava no termômetro da rua
30 era o dia do mês
30 é a latitude de onde estava
Números, pensou...

A solidão
Companheira de todos os dias
Hoje lhe assombrava
Até chateava

Em alguns trechos
A luz era intensa
Em outros quase escuridão.
Mais risadas pelo caminho.

Finalmente
Chegou em casa
E pensou
Ainda bem que nunca
me abandono.

Silvana F. Pereira





A lphonsus de G uimaraens

Literatura está nos genes? A quem observa a vida de Alphonsus de Guimaraens, pode parecer muito possível. Sobrinho de Bernardo, o ilustre autor de *Escrava Isaura* e tantas outras obras (de cuja filha, Constança, foi noivo apaixonado até sua precoce morte em 1888); seu irmão Archangelus também era poeta, assim como dois de seus filhos. Uma família dedicada à arte de escrever!

Frequentou e trocou correspondência com muitos dos principais poetas do simbolismo brasileiro, chegou a viajar ao Rio de Janeiro apenas para conhecer Cruz e Souza, de

Formado em Direito, juiz e jornalista, Alphonsus se destaca por sua poesia lírica de um profundo misticismo e grande sonoridade assim como por suas traduções de Heine, Verlaine e Mallarmé.

RMM

APOIO:

